

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA

A VIAGEM PERMANENTE — O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA | O CÁUCASO PROFUNDO 4

31 de Outubro de 2020

TARIEL MKLAVADZIS MKLELOBIS SAKME / 1925

“O CASO DE TARIEL MKLAVADZE”

um filme de IVANI PERESTIANI

Realização: Ivani Perestiani *Argumento:* Chalva Dadiani, Ivane Perestiani, *segundo história de* Egnate Ninochvili *Fotografia:* Aleksandre Digmelov *Direcção artística:* Semion Gubin-Gun *Interpretação:* Kote Mikaberidze (Spiridon Mtsirichvili), Nato Vatchnadze (Despine), Mikheil Kadaguidze (Tariel Mklavadze), Mikheil Kalatozichvili (Samora, o estalajadeiro), Dimitri Kipiani, Chalva Dadiani, Chalva Khuskivadze.

Produção: Sakhkinmretsvi / Goskinprom Gruzii (URSS, 1925) *Cópia:* Gosfilmofond, 35 mm, preto-e-branco, muda, com intertítulos em russo (e ocasionalmente em georgiano), legendada electronicamente em inglês e português, 98 minutos a 18 fps *Títulos internacionais:* THE CASE OF THE MORDER OF TARIEL MKLAVADZE; THE CASE OF TARIEL MKLAVADZE; THE HERO OF OUR TIME *Primeira exibição pública na URSS:* 17 de Maio de 1925 *Ao que se crê, inédito em Portugal.*

NOTA

Citando abundantemente Serguei Kapterev, este texto parte de um visionamento da cópia a apresentar nesta sessão numa projecção prévia e sem recurso a legendas numa língua compreensível para a autora. Sem acesso a uma cópia legendada em tempo útil, trata-se de um texto escrito com esse óbvio constrangimento, tanto mais limitativo quanto o texto dos intertítulos assume uma importância fulcral na construção do filme e na sua peculiaridade.

SESSÃO APRESENTADA POR MARCELO FELIX

Este “CASO DE TARIEL MKLAVADZE” apresenta-nos o singular trabalho na realização de Ivani Perestiani, iniciado como actor de teatro russo ainda em finais do século XIX e, no cinema, como actor (por exemplo, de Ievgueni Bauer) e argumentista, no início do século XX. Como realizador, a partir de 1917/1918 e durante cerca de duas décadas, assinou uma série de filmes que lhe mereceram o reconhecimento como fundador da cinematografia georgiana. Um dos, um particularmente importante. Fora professor de cinema em Moscovo, antes de se mudar para a Geórgia, onde o seu primeiro filme no território foi realizado no início da década de 1920, e um dos mais populares e influentes data de 1923. Dois anos mais tardio, “O CASO DE TARIEL MKLAVADZE” adapta um romance da literatura georgiana de Egnate Ninochvili, “cujos fortes motivos sociais foram ao encontro das exigências ideológicas soviéticas ao mesmo tempo que popularizaram a cultura nacional georgiana”.

A consideração é Serguei Kapterev que, quando o filme foi apresentado nas Giornate del Cinema Muto de Pordenone em 2011, escreveu no catálogo: “Nas histórias do cinema georgiano, ‘O CASO DE TARIEL MKLAVADZE’ ocupa o lugar de interpretação diplomática e profissional de uma obra da literatura clássica que, abandonando algumas convenções antiquadas, se posicionava em termos genéricos na tradição cinematográfica da ‘velha escola’. Historicamente legítima e respeitável, esta avaliação não deixa de neutralizar os consideráveis méritos artísticos do filme: maturidade de realização, complexidade da lógica narrativa, consistência tonal e estilística. [...] As histórias de Ninochvili punham em contraste o cinismo das classes endinheiradas e a trágica vulnerabilidade dos pobres. No ‘CASO’ este conflito traduziu-se numa invulgar e subtil combinação dos registos satírico e melodramático. [...] Como se evocasse o mundo disciplinado do cinema de Bauer, Perestiani optou por uma estrutura dramática fortemente controlada, construída a partir de um uso inovador dos flashbacks e apoiada numa interpretação psicologicamente

credível. Esta última foi entregue a um elenco jovem, que incluía Nato Vatchnadze, futura estrela do cinema georgiano que mais tarde elogiou o entendimento da disposição psicológica dos actores por Perestiani; e os futuros realizadores Kote Mikaberidze e Mikheil Kalatozichvili (Mikhail Kalatozov).”

No mesmo texto, Kapterev nota a importância de outros contributos: “Co-responsável pela dramaturgia de ‘O CASO DE TARIEL MKLAVADZE’ com Perestiani, Chalva Dadiani foi um dos primeiros teóricos do cinema georgiano e um dramaturgo influente. [...] O talento literário de Dadiani revela-se nos intertítulos densos e reflexivos, que evitam o diálogo e favorecem o envolvimento dos espectadores nas emoções e ideologia do filme.” Por outro lado ainda, “A sofisticação dramática alimentou-se do engenho rigoroso da fotografia de Aleksandre Digmelov, um dos primeiros operadores a registarem a textura da vida georgiana em actualidades etnográficas e um organizador das primeiras apresentações de filmes georgianos.” Remate: “Recorrendo a material literário reconhecido e à sua experiência diversa no que toca à consolidação dos valores do cinema ‘antigo’, os fazedores de ‘O CASO DE TARIEL MKLAVADZE’ produziram uma obra-prima cinematográfica altamente estimulante em termos narrativos e emocionais, indispensável para a compreensão do cinema nacional georgiano.”

Saltam à vista: a qualidade fotográfica, a fotogenia e qualidade dos actores, a experimentação narrativa com o recurso aos flashbacks que fazem também do filme uma história tripartida que se vai iluminando a partir da sala de tribunal nos andamentos dos flashbacks, um para cada personagem “em julgamento”. Retirado dos arquivos numa cena inicial, o processo nº 5811 de 1889 lança-nos num filme de época, genericamente num flashback reconstitutivo que, na sala de tribunal, convoca outros três. Mesmo não conseguindo seguir as subtilidades narrativas ou o balanço do registo que o comentário dos intertítulos introduz, é claro que este “CASO DE TARIEL MKLAVADZE” é sério. Uma boa descoberta, por tudo o que se disse e citou e, pelo menos, pela série de planos estonteantes e inesperados que nos oferece. São muitos e diferenciados, perturbadores como o do balouço vagamente tresloucado da rapariga no campo olhada por Tariel, ou o seu “plano Ofélia”; luminosos e campestres, caso do impressionante grande plano da rapariga em cujo rosto bate o vento e pequenas ramagens floridas; divertidos quando um grupo de homens junta as cabeças à volta de um mesmo fósforo para acender cigarros; de pesadelo subjectivo nas noites que assustam a personagem de Nato Vatchnadze e transfiguram o homem que ela vê com olhos de berlinde branco.

Maria João Madeira